companhia
paulo ribeiro

ANTÓNIO CABRITA
SÃO CASTRO

UM SOLO PARA A SOCIEDADE

Ficha artística

conceito SÃO CASTRO
coreografia, desenho de luz e figurino
ANTÓNIO CABRITA E SÃO CASTRO
música original SÃO CASTRO
música adicional DANIEL BJARNASON, HILDUR GUDNADÓTTIR,
JEAN SIBELIUS E JEAN-BAPTISTE LULLY
interpretação MIGUEL SANTOS
agradecimentos CONSERVATÓRIO REGIONAL DE MÚSICA
DR. AZEREDO PERDIGÃO – VISEU
produção COMPANHIA PAULO RIBEIRO
coprodução TEATRO VIRIATO
fotografia de capa ANTÓNIO CABRITA E SÃO CASTRO

Vídeo promocional

2017
ESTREIA **09 junho** (Teatro Viriato, Viseu)
24 novembro "New Age, New Time", Teatro Viriato
07 de dezembro - "Festival Y#13 - Festival de artes performativas", Covilhã

2018
23 e 24 de fevereiro - Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada
28 de abril - Teatro Municipal Sá de Miranda, Viana do Castelo
15 de setembro - "Festival Dance, Dance, Dance" / Teatro das Figuras, Faro

UM SOLO PARA A SOCIEDADE

Nota de criação

Partindo de um texto que é uma peça de teatro, mais especificamente um monólogo, lançamo-nos o desafio de criar um solo sem o recurso à palavra, mas que contenha, o fundamento eloquente do texto.

No monólogo "O Contrabaixo", Patrick Süskind coloca metaforicamente a hierarquia de uma orquestra em paralelo com a organização da sociedade: o contrabaixo visto como um indivíduo e o indivíduo como instrumento, como peça importante mas escondida na teia social; os ruídos e convenções decalcadas no quotidiano que convocam ao isolamento e caracterizam, desta forma, o mundo indiferente e hostil para o indivíduo. No fundo, a relação entre uma orquestra, os seus elementos e a estrutura social contemporânea.

Nesta criação pretendemos aprofundar a relação que se estabelece com o espectador, e vice-versa, através da reflexão sobre como as pessoas que ocupam um território comum, sendo também de, certa forma, constituintes de uma cultura comum, se relacionam entre si, sobressaindo do grupo o indivíduo e, por conseguinte, a sua natural vontade de sobressair. No entanto, ao mesmo tempo que preserva e deseja manter-se isolado na sua individualidade, acaba sempre por sentir-se impelido para o grupo. Surgem assim as diferentes regras e normas de convivência, estabelecendo-se a moral e todas as demais imposições inerentes à sociedade.

Um solo diante da sociedade, o público. Um público que observa o indivíduo, um intérprete que observa a sociedade. Um intérprete que questiona e avalia a sua importância num grupo mantendo a sua individualidade, que supostamente o caracteriza, numa estrutura que tem tendência a produzir o semelhante e o típico.

Não será um tema ou pensamento novo nunca antes abordado... aliás, deverá ser a maior questão que um ser humano coloca não só uma, mas várias vezes, durante a sua vida. E sempre houve grandes pensadores dedicados às questões de relacionamento e identidade entre o indivíduo e a sociedade.

Assim como no texto original, a música é um veiculo de desapego do mundo exterior e determina em grande parte a assinatura de uma identidade, através dela e acompanhados por ela, ampliaremos o potencial de criar um acesso directo à essência do que não é naturalmente visível, utilizando apenas o corpo e a sua capacidade de pensar e exprimir-se sobre alguns dos grandes temas que norteiam a condição humana. Emprestar o corpo para a emergência do pensamento, e vice-versa, sem querer impor ou definir uma perspectiva. Exactamente por esta razão a dança é abstrata, e assim sendo, de certa forma igualmente democrática.

António Cabrita e São Castro [fevereiro de 2017]

UM ENTRE DEBAIXO DE ESCUTA

por Catarina Câmara*

* Catarina Câmara trabalha como bailarina e docente e teve já algumas aventuras coreográficas, sempre com um pé na dança e outro no teatro. Mais, recentemente, tem-se dedicado ao estudo e cruzamento das práticas artísticas e psicoterapêuticas de modo a encurtar os caminhos entre a arte, a educação e a saúde.

A literatura sempre foi e continuará a ser chão que dá dança.

Um recente exemplar é "Um Solo para a Sociedade", a última criação dos coreógrafos António Cabrita e São Castro e a primeira a ser concebida enquanto diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro, ao abrigo da cidade de Viseu e do seu padroeiro artístico, o Teatro Viriato.

O irresistível canto da literatura aconteceu primeiro em "Play False" (2014), obra desenvolvida a partir do universo shakesperiano (prémio "Autores" da Sociedade Portuguesa de Autores para "Melhor Coreografia" em 2015).

Três anos e três peças depois ("Tábua Rasa", "Rule of Thirds" e "Turbulência"), os coreógrafos voltam ao texto, desta vez, com "O Contrabaixo", de Patrick Süskind, uma obra de 1981, concebida como peça radiofónica e posteriormente adaptada para teatro. Trata-se de um monólogo com lombada fina e espessura existencial, na linha de outras obras de Süskind, como "A Pomba" ou "O Perfume".

Ao longo da peça, o narrador e protagonista, um músico de Orquestra Nacional Alemã, debate-se com eternas questões como a liberdade e os seus limites, o sentido de dever ser e a procura de um sentido para o ser.

O que se pretende explorar, é nas palavras de António Cabrita e São Castro: "a necessidade intrínseca ao ser humano de se afirmar como elemento importante dentro de uma sociedade (...) O individuo, a identidade e a sua posição hierárquica no grupo, num território (...) passando pelas problemáticas que norteiam a condição humana. O amor, a liberdade, a solidão."

O eixo central do livro que é também o de "Um Solo para a Sociedade" é a relação atormentada do músico com o seu contrabaixo e as diferentes perspetivas que vai assumindo perante o instrumento, num exercício projetivo da sua própria condição. Sentimentos de exaltação, desprezo, separação e aniquilação são sintomas de um desejo de afirmação individual. É a metáfora da grande orquestra social, da colmeia humana à qual nos sentimos irremediavelmente presos e da qual, irremediavelmente, nos sonhamos livres.

Desengane-se, porém, quem vier à procura, neste solo íntimo e preciosista, de uma lógica narrativa com pistas para o texto, ou de uma personagem decalcada da história, animada pelo gesto excessivo e caricatural. Aqui nem sequer encontramos a defesa de um específico estado físico ou anímico para reforçar a ideia de um corpo alienado.

O bailarino, Miguel Santos, finta com graça e virtuosismo a sedução de uma representação modelada por fantasias psíquicas, prontas a serem interpretadas pela velocidade do espectador.

Na verdade, o intérprete está aquém e além da personagem original. Não representa uma entidade que ora manipula, ora é manipulado, que ora instrumentaliza, ora é instrumentalizado. Em "Um Solo para Sociedade", o protagonista não é um 'ente' mas um 'entre', através do qual a existência acontece.

Ele é aquilo que vê, cheira, toca e ouve. Ele é os seus dedos a tocar as cordas do contrabaixo e é as cordas do contrabaixo a tocar os seus dedos. As formas destiladas resultam de um imprevisível fluxo de trocas e fazem despertar a ferida existencial: tudo é indeterminado e finito e só a morte nos completa.

Num quarto à prova de som, (o apartamento do músico ou a sala deste teatro), encontra-se o bailarino de "Um Solo para a Sociedade". O gesto é espontâneo e comprometido. Ele escuta.

Como um inseto, as extremidades do bailarino, acusam tudo o que é silencioso e invisível. Traduzem para segmentos de movimento, as cores e vibrações do som, as rotas do ar, a segunda sinfonia de Brahms, as combinações moleculares de uma cerveja. A hipersensibilidade

das extremidades converte-se no radar de uma linguagem microcósmica que a olho nu nos faz imaginar uma dança.

Somos bafejados por um corpo que se fratura, anula e reconfigura, no pleno exercício da sua funcionalidade criativa, na luta pela sua existência. O impulso não é desencadeado por uma ação mecânica instintiva, mas por uma consciência subversiva, em permanente desformatação. Tal como o contrabaixo que tem o poder de magnetizar tudo o que está no polo oposto, também o movimente se transcende nessa evidência de que somos o outro, somos o lugar que escolhemos amar ou odiar.

Com um golpe suspenso, o bailarino observa-se no olhar do público e o público revê-se no olhar do bailarino.

"(...) nesta atração do aqui e ali, do elevado e profundo, é aí que tudo se conjuga, tudo o que produz sentido em música, é aí que nasce o sentido musical e a vida, sim a vida, pura e simplesmente."

E a coreografia desprende-se como um perfume, com a qualidade do que é extraordinário e acidental. Como se a vida nos regalasse um milagre.

COMPANHIA PAULO RIBEIRO

Criada em 1995, a Companhia Paulo Ribeiro é uma companhia portuguesa de dança contemporânea, com um repertório próprio de peças ora criadas e dirigidas por Paulo Ribeiro, seu homónimo, fundador e um dos coreógrafos que esteve na origem do movimento artístico intitulado Nova Dança Portuguesa; ora por outros criadores convidados. Estrutura residente no Teatro Viriato (Viseu, Portugal) desde 1998, é a partir daí que desenvolve a sua atividade de pesquisa, de criação, de produção e de difusão; assim como de formação. Atualmente, a Companhia Paulo Ribeiro é dirigida pelos coreógrafos e bailarinos António Cabrita e São Castro.

A par da implementação do projeto artístico do Teatro Viriato em 1998; em 2005, a Companhia Paulo Ribeiro foi também responsável pela criação da escola de dança *Lugar Presente* - um projeto pedagógico, sediado também em Viseu, que inclui cursos e aulas regulares de dança e de teatro para adultos, jovens e crianças, nomeadamente, no âmbito do Ensino Artístico especializado.

Com um repertório de mais de 30 produções, a Companhia Paulo Ribeiro assumiu-se como uma das mais reconhecidas companhias de dança contemporânea portuguesas, apresentando-se regularmente nas principais salas de espetáculo nacionais, bem como por toda a Europa, Brasil e Estados Unidos da América; tendo arrecadado vários prémios nacionais e internacionais.

Além da criação, difusão e formação, a Companhia Paulo Ribeiro tem promovido a edição. Em 2005 foi lançado o livro "Corpo de Cordas", da autoria de Cláudia Galhós, uma edição comemorativa dos 10 anos de existência da Companhia; e em 2015 foi a vez de "Uma Coisa Concreta", um livro coordenado por Tiago Bartolomeu Costa, que reúne um conjunto de textos de Isabel Lucas, Luísa Roubaud, Maria de Assis, Mónica Guerreiro e Paula Varanda.

Em 2016, depois da nomeação de Paulo Ribeiro pelo Ministério da Cultura para a direção artística da Companhia Nacional de Bailado; a Companhia Paulo Ribeiro passou a ter como diretores artísticos os coreógrafos e bailarinos António Cabrita e São Castro. Profundos conhecedores do percurso e da linguagem coreográfica de Paulo Ribeiro e com os quais o coreógrafo se identifica artisticamente, António Cabrita e São Castro representam uma nova geração de criadores portugueses que se têm afirmado no panorama da dança contemporânea.

BIOGRAFIAS

António Cabrita (N. 1982) || COREOGRAFIA

Licenciado pela Escola Superior de Dança, do Instituto Politécnico de Lisboa (2008), António Cabrita é também diplomado pela Escola de Dança do Conservatório Nacional (2000) e estudou Dança no Joffrey Ballet School, Nova Iorque (2001). Paralelamente à sua formação em Dança, fez o curso de Cinema da New York Film Academy (2001) e o curso de Criatividade Publicitária da Restart, Lisboa (2004).

Enquanto bailarino, coreógrafo, 'vídeo-designer' e sonoplasta, António Cabrita tem desenvolvido o seu percurso artístico entre Portugal, Alemanha e Bélgica.

Nos últimos anos trabalhou com coreógrafos como Rui Horta, Né Barros, Silke Z., António Tavares, Tânia Carvalho, Ana Rita Barata, Pedro Ramos, Felix Lozano, Paulo Ribeiro e Luís Marrafa, entre outros. Participou em projetos e festivais tais como o projeto *Colina*; *Repérages*; *Festival Temps D'Image*; *Festival In Shadow*; *New Age, New Time* (Teatro Viriato, Viseu); *Festival Dance Dance Dance* e *PT2013*. Entre 2007 e 2015 foi artista residente na companhia alemã SilkeZ./Resistdance.

António Cabrita iniciou-se na coreografia, em 2009, com a criação do projeto *To Fail*. No mesmo ano, foi nomeado para a categoria de *Novo Talento* do *Portugal Dance Awards*. Em 2014 voltou a ser nomeado, desta vez, para o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores, na categoria *Melhor Coreografia*, como coautor da peça *Abstand*, de Luís Marrafa.

Desde 2011 tem desenvolvido - em colaboração com a coreógrafa e bailarina São Castro - o projeto | acsc |.

Em 2015, os dois coreógrafos foram distinguidos com o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria *Melhor Coreografia* com a peça *Play Fals*e e nomeados, em 2016, com a peça *Tábua Rasa*, cocriação com Henriett Ventura e Xavier Carmo, numa coprodução entre a Companhia Nacional de Bailado e a Vo'Arte.

Uma das mais recentes criações do projeto | acsc |, intitulada *Rule of Thirds*, estreada em abril de 2016, foi considerada pelo jornal *Público* como um dos melhores espetáculos de dança deste ano. Ainda em 2016 estrearam *Turbulência*, uma cocriação com Henriett Ventura e Xavier Carmo. Esta peça foi nomeada, em 2017, para o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria *Melhor Coreografia*.

Foi recentemente distinguido pelo Instituto Politécnico de Lisboa com a *Medalha de Prata de Valor* e *Distinção* (2016).

Frequentemente, leciona aulas e workshops de dança contemporânea.

António Cabrita e São Castro são, atualmente, diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro. A primeira peça que criaram enquanto diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro, *Um Solo para a Sociedade* estreou em junho de 2017.

Ainda em 2017, a convite de Luísa Taveira, António Cabrita e São Castro criaram *Dido e Eneias* para a Companhia Nacional de Bailado.

São Castro (N. 1976) || COREOGRAFIA

São Castro iniciou a sua formação em dança no Balleteatro Escola Profissional de Dança e de Teatro do Porto (1995-1998). Em 2002 concluiu a sua licenciatura em Dança pela Escola Superior de Dança, do Instituto Politécnico de Lisboa.

Enquanto intérprete trabalhou com coreógrafos como Né Barros, Isabel Barros, Rui Lopes Graça, Benvindo Fonseca, Sofia Silva, Vasco Wellenkamp, Paulo Ribeiro, Hofesh Shechter, Olga Roriz, Clara Andermatt, André Mesquita, Tânia Carvalho e Luís Marrafa, entre outros. O seu percurso na interpretação iniciou-se na companhia do Balleteatro, entre 1997 e 1999; tendo passado, posteriormente, pela Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo (entre 2001 e 2004), pelo Ballet Gulbenkian (2004/2005) e pela Companhia Instável (2012).

Em 2009, iniciou-se na coreografia com a criação do seu solo *aTempo* e, nos anos seguintes, coreografou para a Companhia de Dança do Algarve; para a Escola de Dança do Conservatório Nacional, com apresentação no *International Youth Festival Expression* (Grécia); e para o *Projecto Quorum* (2015). Mais recentemente, São Castro coreografou *The Art of Losing* (2016) para a Companhia de Dança de Almada.

Desde 2011 tem desenvolvido - em colaboração com o coreógrafo e bailarino António Cabrita - o projeto | acsc |. Em 2015, os dois coreógrafos foram distinguidos com o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria *Melhor Coreografia* com a peça *Play False* e nomeados, em 2016, com a peça *Tábua Rasa*, cocriação com Henriett Ventura e Xavier Carmo, numa coprodução entre a Companhia Nacional de Bailado e a Vo'Arte.

Uma das mais recentes criações do projeto | acsc |, intitulada *Rule of Thirds*, estreada em abril de 2016, foi considerada pelo jornal *Público* como um dos melhores espetáculos de Dança deste ano. Ainda em 2016 estrearam *Turbulência*, uma cocriação com Henriett Ventura e Xavier Carmo. Esta peça foi nomeada, em 2017, para o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria *Melhor Coreografia*.

Foi recentemente distinguida pelo Instituto Politécnico de Lisboa com a *Medalha de Prata de Valor e Distinção* (2016).

Frequentemente, leciona aulas e workshops de dança contemporânea.

São Castro e António Cabrita são, atualmente, diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro. A primeira peça que criaram enquanto diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro, *Um Solo para a Sociedade* estreou em junho de 2017.

Ainda em 2017, a convite de Luísa Taveira, António Cabrita e São Castro criaram *Dido e Eneias* para a Companhia Nacional de Bailado.

MIGUEL SANTOS (N.1993) || INTERPRETAÇÃO

Miguel Santos começou a sua formação em Dança em Faro, em 1999, na área das Danças de Salão. Em 2011, profissionalizou-se pela IDTA (International Dance Teachers Association). Paralelamente, entre 2007 e 2011, praticou Dança Contemporânea, Clássica e Carácter na CDA (Companhia de Dança do Algarve). Em 2014, terminou a sua licenciatura em Dança pela Escola Superior de Dança, no Instituto Politécnico de Lisboa. Participou ainda, em 2016, no curso intensivo de Verão da NDT (Nederlands Dans Theater) e Gaga Intensive Summer.

Na área das Danças de Salão, trabalhou com os professores Sofia Henriques, Filipe Neves, Emanuelle Soldi e Elisa Nasato, Bruno Tomás e Joana Santos, entre outros. Em 2008 foi finalista no programa televisivo "Dança Comigo - Concorrentes Juniores" e, em 2009, foi convidado para representar Portugal numa competição internacional em Hong Kong.

Enquanto aluno na Escola Superior de Dança destaca os nomes de Pascale Mosselmans, de Barbara Griggi, de Amélia Bentes, de Vítor Garcia, de Margarida Bettencourt.

Em 2013, ingressou na CaDA (Companhia de Dança de Almada), onde trabalhou em criações de Benvido Fonseca, Carla Jordão, Nuno Gomes, Ricardo Ambrozio, Daniela Andana, Bruno Duarte e São Castro. Destaca ainda a participação em digressões europeias (Polónia e Itália) e Internacionais (Brasil e China).

Participou ainda numa criação de Gonçalo Ferreira Lobato para a CDCE (Companhia de Dança Contemporânea de Évora), *Quid Iuris*, que estreou em 2013 no festival FIDANC – Festival Internacional de Dança Contemporânea de Évora. Em 2014 criou *Quase Mágico*, um solo para o festival de solos da Malaposta e em 2015 integrou o elenco da criação de João Fernandes, intitulada *Liberdade Provisória*, para o festival Metadança.

RECORTES DE IMPRENSA

CISION

ID: 69821623

Expresso

03-06-2017 | Revista E

Tiragem: 88200
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 86
Cores: Cor
Área: 19,32 x 29,29 cm²
Corte: 1 de 1

Ode à comunidade

"O Contrabaixo", de Süskind, inspira a nova criação de António Cabrita e São Castro

TEXTO **CLAUDIA GALHÓS**

É quase tudo novidade. António Cabrita e São Castro assumiram a direção artística da Companhia Paulo Ribeiro (CPR) — sedeada no Teatro Viriato, em Viseu — no início do ano, depois de o coreógrafo ter sido diretor da Companhia Nacional de Bailado. A primeira criação da CPR, este ano, é assinada pela dupla, que, pela primeira vez, compõe um solo para um intérprete que não é nenhum dos dois — Miguel Santos. O conceito é uma proposta da bailarina e coreógrafa São Castro que os dois desenvolveram: trabalhar um solo, a partir do monólogo "O Contrabaixo", de Patrick Süskind. Não é novo, mas é abordado de modo distinto, o facto de partirem de um universo teatral para construírem um espetáculo de dança, sem palavras. Fizeram-no no dueto "Play False" (2014), a partir da exploração de personagens de Shakespeare. Desta vez, explica António, "não foi só transportar as palavras para o corpo, mas trabalhámos do ponto de vista da criatividade e do conceito da peça, nomeadamente a relação com a sociedade que o texto suscita". Para São Castro foi evidente desde o início este ser "Um Solo para a Sociedade": "Entendi sempre esse monólogo como uma comunicação com um grupo. A personagem está sozinha, mas a forma como fala é sempre dirigida a alguém, para chamar a atenção das pessoas para o que está a dizer, para a paixão pela música. E aí surge a comparação da orquestra com a sociedade. De o contrabaixo, que ele toca, ser a base da estrutura musical de qualquer orquestra." A esta relação, associa o novo papel que desempenham na CPR. "É um pouco como uma ode à comunidade e às pessoas que têm feito um trabalho aqui, em Viseu, de relação com a comunidade." Mas para que não restem dúvidas, António clarifica que, sendo o texto a base de trabalho, "a peça torna-se um objeto autónomo, não há necessidade de o conhecer para experienciar a obra coreográfica". ●

UM SOLO PARA A SOCIEDADE
De António Cabrita e São Castro
Teatro Viriato, Viseu, sexta

CISION

ID: 69910247

Público

09-06-2017

Tiragem: 32559
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 30
Cores: Cor
Área: 25,70 x 28,55 cm²
Corte: 1 de 2

A segunda vida da Companhia Paulo Ribeiro começa agora

Um Solo para a Sociedade é a estreia de São Castro e António Cabrita na direcção artística da companhia, após a saída do coreógrafo que a fundou. Um espectáculo para dizerem que chegaram

Dança
Inês Nadais

Meio ano depois de terem assumido a direcção artística da Companhia Paulo Ribeiro, São Castro (n. 1976) e António Cabrita (n. 1982) ainda acham "estranho" atravessar a varanda técnica do Teatro Viriato em direcção ao gabinete onde até há pouco tempo se sentava o coreógrafo que em 1995 fundou a companhia e a dirigiu ininterruptamente até ao final de 2016. Tal como, a quase 300 quilómetros de distância, o próprio Paulo Ribeiro, agora director artístico da Companhia Nacional de Bailado, acha "estranho" estar tão longe do mais pessoal dos seus projectos. Mas o estranho entranha-se, e eis que a dupla que se instalou em Viseu para substituir uma figura insubstituível estreia hoje, olhos nos olhos de cada espectador e até mais do que isso (mas aqui não haverá *spoilers*), a sua primeira peça para a companhia, *Um Solo para a Sociedade*.

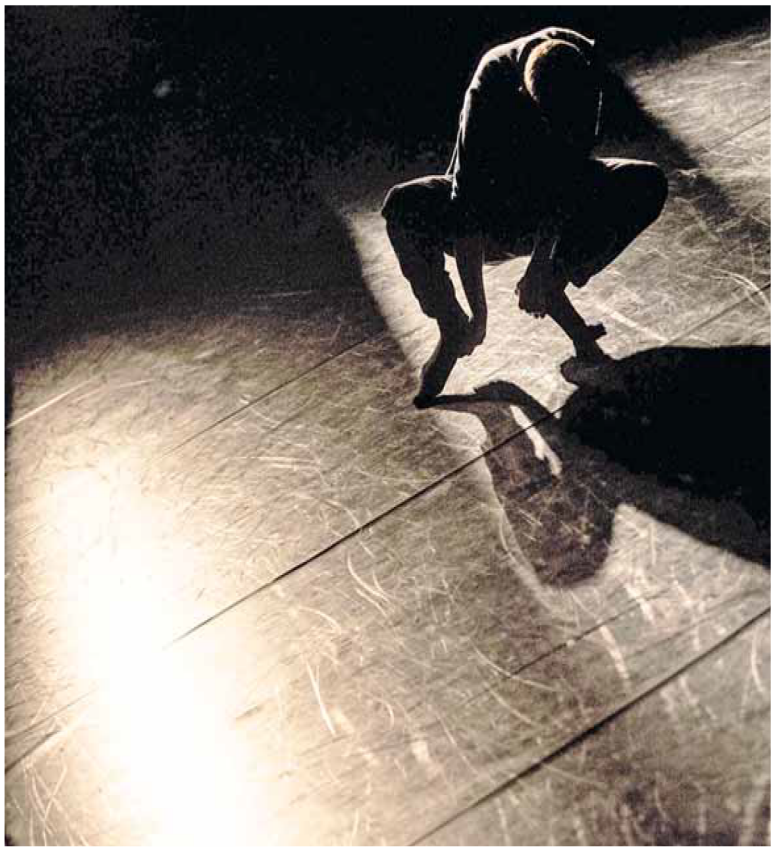
Não foi evidente ocupar um lugar tão irreversivelmente associado a Paulo Ribeiro, admitem ao PÚBLICO no final de um ensaio da peça com que querem dizer "à cidade, ao país, e ao mundo (a companhia viaja bastante)" que chegaram e que querem que o público continue a fazer parte. "Felizmente às tantas o trabalho começa a fluir, somos levados pelo andamento das águas e já nem pensamos no que está a acontecer", desdramatiza São Castro. E o que está a acontecer é uma segunda vida para a Companhia Paulo Ribeiro após um corte que podia ter sido traumático – mas que Paulo Ribeiro diz não ter de todo o peso de "um abandono", antes de "uma separação amigável". *Um Solo para a Sociedade* é, portanto, a continuação natural da companhia por outros meios, os da meticulosa (e virtuosa) prática coreográfica que esta dupla de intérpretes e coreógrafos tem vindo a aprofundar desde *Wasteland* (2012), e que não descende necessariamente da do fundador da estrutura que agora dirigem, apesar de todos os seus encontros anteriores, a dois ou a três.

Mesmo decorrendo naturalmente quer do percurso da companhia, que várias vezes se abriu a criações de coreógrafos convidados, quer do percurso de São Castro e António Cabrita, que já tinham "guardada na gaveta a ideia de trabalhar com o corpo este monólogo de Patrick Süskind", *O Contrabaixo*, bem antes de lhes cair no colo o convite de Paulo Ribeiro, *Um Solo para a Sociedade* é de certa forma o primeiro espectáculo do resto da vida de todos os envolvidos (incluindo o bailarino Miguel Santos, escolhido numa audição a que concorreram mais de cem intérpretes) – o primeiro espectáculo da Companhia Paulo Ribeiro sem Paulo Ribeiro, o primeiro espectáculo de São Castro e António Cabrita sem São Castro e António Cabrita (em todos os anteriores estavam simultaneamente fora como coreógrafos e dentro como intérpretes).

Porem-se totalmente de fora, notam agora que têm em Miguel Santos o seu emissário no palco, muda tudo, permitindo uma relação que ecoa aquela de que se ocupa o próprio Patrick Süskind na peça que inspirou *Um Solo para a Sociedade*: "Tal como o protagonista do texto tem no contrabaixo o seu instrumento de trabalho, o corpo do Miguel é o instrumento de trabalho dele – e, neste caso, também o nosso", argumenta António Cabrita, sublinhando que "97% do material deste solo" passou pelo corpo dos coreógrafos antes de chegar ao corpo do bailarino. O que, não corrigindo a desvantagem numérica ("Ele estava sempre a queixar-se de que havia mais coreógrafos do que bailarinos no estúdio..."), dá a quem está de fora uma noção do que pode exigir a quem está dentro.

O que lhe exigiram – "e sim, sabemos o que custa" – foi sobretudo um trabalho exaustivo de mãos e braços: "O protagonista é um contrabaixista. E o Miguel tem umas mãos superexpressivas, queríamos enfatizar isso", diz São Castro, explicando que a pesquisa incluiu uma visita de estudo ao Conservatório Regional de Música "para dar outra consistência ao posicionamento físico" solicitado por "um instrumento volumoso como é o contrabaixo". Ainda que, contrapõe António Cabrita, não haja qualquer vontade de realismo no solo com que se estreiam como directores artísticos da companhia, tal como não havia essa vontade nos trabalhos anteriores: "A nossa forma de trabalhar o corpo em dança é abstracta. Não se trata aqui de transcrever um texto, tal como em *Play False* [2014] não se tratava de transcrever o universo de personagens de Shakespeare, ou como em *Rule of Thirds* [2016] não se tratava de transcrever as fotografias do Henri Cartier-Bresson. O texto é uma inspiração, um mecanismo que usamos para que o movimento se torne algo mais do que movimento e tenha um conteúdo humano, um porquê. Acho que a palavra certa para o que fazemos é ampliação."

Em *Um Solo para a Sociedade*, o que vemos então ampliado é este solista que entra em palco de costas para o público, virado para uma parede preta, perdido no seu labirinto interior, e depois, cada vez mais ostensivamente, interpela os espectadores à espera de retribuição. Agora que entra num novo ciclo, é como se a Companhia Paulo Ribeiro também quisesse reiterar a sua vinculação a uma comunidade. "Sempre vi este



Miguel Castro, o único bailarino em palco em *Um Solo para a Sociedade*, foi escolhido numa audição a que cor

> **A São Castro e o António Cabrita desenvolveram um olhar profundo sobre a dança e uma identidade bem definida, o que é raro**
>
> **Paulo Ribeiro**
> Fundador da companhia

CISION

ID: 69910247

Público

09-06-2017

Tiragem: 32559
País: Portugal
Period.: Diária
Âmbito: Informação Geral

Pág: 31
Cores: Cor
Área: 16,39 x 29,85 cm²
Corte: 2 de 2

A nossa forma de trabalhar o corpo em dança é abstracta

António Cabrita
Coreógrafo

PAULO PIMENTA

icorreram mais de cem intérpretes

projecto como estando muito próximo do público e, quando apresentámos a proposta, a [directora do Teatro Viriato] Paula Garcia achou interessante porque se encaixa exactamente na dinâmica que este teatro tem com o público, com a cidade", aponta São Castro. "A Companhia Paulo Ribeiro é residente do Viriato e de Viseu, a comunidade tem uma relação com ela. Sentíamos isso como intérpretes e agora sentimos isso como directores. Há anos que se fazem *workshops* com o público: aqui mesmo quem não tem experiência de dança tem experiência em dança", reforça António Cabrita.

Ou seja: quando hoje a Companhia Paulo Ribeiro a chamar para o palco, a cidade não tem nenhuma boa desculpa para não dançar.

inadais@publico.pt

O lugar onde São e António queriam estar – daqui a seis anos

São Castro e António Cabrita não estavam "francamente à espera" de se verem à frente de uma companhia de dança em 2017, e muito menos da Companhia Paulo Ribeiro, que chegaram a integrar como intérpretes em algumas criações (São Castro foi chamada para *Feminine*, em 2008, e para *Maiorca*, em 2009; depois disso, os dois estiveram na peça com que o coreógrafo celebrou os 20 anos da sua companhia, *A Festa (da Insignificância)*, em 2015).

"Nesta fase da nossa carreira era de facto um objectivo daqui a seis anos termos uma estrutura assim. Mas já que aqui chegámos antes disso queremos que esta casa seja uma oportunidade para produzirmos em condições de que nunca dispusemos antes – e também para que outros criadores venham cá apresentar-se, incluindo o Paulo Ribeiro, que em Novembro vai estrear em Viseu a sua nova peça para a companhia, *Walking with Kylián. Never stop searching*", esclarece António Cabrita.

Será, diz Paulo Ribeiro, uma excepção: "Tive uma autorização especial para esse efeito porque já havia compromissos assumidos, mas a partir de 2018, e até ao final do mandato, estarei em exclusividade na Companhia Nacional de Bailado." A sua própria companhia, acrescenta, fica bem entregue a "duas pessoas muito sérias, que trabalham com consequência e que desenvolveram um olhar profundo sobre a dança e uma identidade bem definida, o que é raro – muitos criadores vão pescando aqui e ali e no fim o que parece uma linguagem própria é um amontoado de coisas dos outros".

Mais do que de descendentes artísticos, o coreógrafo estava à procura de cúmplices nos quais pudesse depositar serenamente um património construído ao longo de duas décadas e que passa não só por um repertório de dezenas de peças – duas delas mantêm-se em digressão nesta temporada, *Ceci n'est pas un film. Dueto para Maçã e Ovo* e *A Festa (da Insignificância)* –, mas também por um historial pedagógico (Paulo Ribeiro também deixou em Viseu uma escola de dança, a Lugar Presente). Mas sobretudo estava à procura de sensibilidades que, não sendo completamente estranhas à companhia, lhe pudessem dar "um novo fôlego" – expectativa a conferir nas próximas quatro temporadas, que, ao contrário da que está em curso, já sairão completamente da cabeça dois novos directores artísticos.

Inês Nadais

PAULO PIMENTA

Os novos directores da Companhia Paulo Ribeiro

CISION
ID: 72548527
JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS JL
06-12-2017
Meio: Imprensa
País: Portugal
Period.: Quinzenal
Âmbito: Lazer
Pág: 19
Cores: Cor
Área: 25,40 x 30,00 cm²
Corte: 1 de 1

António Cabrita e São Castro
Uma companhia para a sociedade

SOFIA SOROMENHO

A dupla de coreógrafos São Castro e António Cabrita assumiu, no início de 2017, a direção artística da Companhia Paulo Ribeiro (CPR), companhia de dança residente no Teatro Viriato em Viseu. Ao fim de quase um ano de trabalho fazemos esta entrevista no intuito de descobrir como tem sido este desafio e também expectativas futuras.

JL: O que gostariam de partilhar acerca desta aventura?
SC: Este primeiro ano foi um ano de adaptação. O convite do Paulo Ribeiro foi uma surpresa, não estávamos à espera neste momento da nossa carreira e da nossa vida e, veio complementar o nosso trabalho como coreógrafos; não só por nos dar a hipótese de ter uma estrutura que recebe o nosso trabalho coreográfico, como também permitir-nos ter uma equipa de produção, gestão financeira, comunicação, etc. Por outro lado, este convite veio ao encontro do nosso desejo de utilizar uma estrutura para receber outros coreógrafos convidados e não ficar apenas limitada ao nosso trabalho , e esta vontade foi muito bem aceite pelo Paulo Ribeiro (PR). Aliás, a CPR convidou também outros coreógrafos, como a Olga Roriz, a Tânia Carvalho, o Peter Michael Dietz ou o John Mowat. Aquilo que pretendemos fazer é continuar a convidar outros coreógrafos para trabalhar com a companhia, designadamente, o André Mesquita, Tânia Carvalho, Sofia Dias e Vítor Roriz.
AC – Outro dos nossos objetivos é dar continuidade ao trabalho do PR e preservar o seu património coreográfico, ou seja, fazer reposições do repertório da companhia e apresentar novas criações do PR. Uma reposição que gostava de salientar é a da peça *Memórias de Pedra* que foi a primeira obra do PR a ser apresentada no Teatro Viriato há quase 20 anos atrás e que será remontada em 2019 com um novo elenco. Temos também um outro projeto que começámos em 2013 – a *Box*, uma instalação holográfica – e que pretendemos estendê-lo convidando quatro coreógrafos: Olga Roriz, Paulo Ribeiro, Clara Andermatt e Rui Horta.

CARLOS FERNANDES

António Cabrita e São Castro **A direção artística da Companhia Paulo Ribeiro**

Foi um ano bastante preenchido porque paralelamente a este novo cargo tinham outros projetos a decorrer em simultâneo, nomeadamente compromissos assumidos antes do convite do PR. Como conseguiram gerir estas múltiplas tarefas: por um lado a criação e por outro a direção artística da companhia?
AC: O trabalho como criador e como diretor artístico são totalmente distintos. É exequível porque separamos os dois momentos: o da criação e o lado mais operativo. Efetivamente não foi muito difícil porque temos ainda a vantagem de sermos dois e a de termos por trás uma estrutura que sustenta todo o trabalho.
SC: O trabalho ao longo do ano foi feito sempre com tempo e com foco. Para além de podermos partilhar tarefas e decisões, temos a sorte de ambos termos uma personalidade muito focada, quando estamos a trabalhar em criação estamos totalmente entregues a isso e quando é necessário tomar decisões de direção fazemo-lo na altura devida, conseguindo assim gerir tranquilamente ambas as frentes.

JL: O solo *Um Solo para a Sociedade* estreou em junho no Teatro Viriato. Alguma razão em particular para começar com um solo ou com este tema?
SC: Já tinha decidido fazer um solo, anteriormente, e queria trabalhar sobre *O Contrabaixo*, de Patrick Süskind. Neste livro o autor coloca metaforicamente a hierarquia de uma orquestra em paralelo com a organização da sociedade: o contrabaixo visto como um indivíduo e o indivíduo como instrumento, como peça importante mas escondida na teia social; os ruídos e convenções decalcadas no quotidiano que convocam ao isolamento e caracterizam, desta forma, o mundo indiferente e hostil para o indivíduo. No fundo, a relação entre uma orquestra, os seus elementos e a estrutura social contemporânea. E esta temática considerámos importante e relevante abordar aqui em Viseu e partilhá-la com a comunidade.
AC: Por outro lado, estar num espaço onde se cria e onde se estreia permite estabelecer uma relação muito confortável com o objeto artístico. Chamar-se "um solo para a sociedade" veio ao encontro das metas estabelecidas pelo Teatro Viriato – o contacto com a comunidade local, com a sociedade. Este solo traz esta aproximação à sociedade, porque há uma relação muito próxima com o público, e isso foi importante para criar uma aproximação ao público de Viseu.

> **"Somos criadores, mas gostamos de assistir a outros criadores e partilhar diferentes formas de pensamento, métodos de criação, visões, etc..."**

Este solo voltou recentemente a ser apresentado no mesmo local no âmbito do Festival NANT-New Age, New Time (o Festival NANT é uma iniciativa do Teatro Viriato, com direção de Paula Garcia).
SC: Sim, nós estamos muito contentes porque nesta edição do NANT tivemos três presenças da CPR, propostas bastante distintas: a Box que é uma proposta multidisciplinar; *Um Solo para a Sociedade* e a estreia da nova criação do Paulo Ribeiro *Walking with Kylián. Never Stop Searching*, que abriu o festival.
AC: A programação contemplou vários objetos artísticos diferentes começando com a estreia do Paulo Ribeiro passando depois por propostas de criadores emergentes como é o caso da Teresa Silva e Filipe Pereira, Cláudia Dias, Marta Cerqueira, Ricardo Machado, passando pelo nossa criação e fecha com o solo do Rui Horta.
SC: O NANT teve este ano dois contextos muito importantes e pertinentes. Não só podemos assistir a duas gerações da dança contemporânea diferentes, mas também a uma contaminação – de um lado uma prática de pensamento coreográfico que vem de uma vasta experiência e de outro práticas com novas linguagens. O outro aspeto importante é que o festival acontece no Teatro Viriato em diversos espaços, ou seja, todo o teatro é aproveitado e pode ser visitado durante o festival.

Como veem a criação artística em Portugal atualmente?
SC: Eu e o António temos esta colaboração há sete anos e sempre tivemos vontade de criar uma estrutura que fosse partilhada com outros criadores. Somos criadores, mas gostamos de assistir a outros criadores e partilhar diferentes formas de pensamento, métodos de criação, visões, etc. Consideramos isto muito valioso e há uma grande qualidade criativa no nosso país e também excelentes intérpretes. Temos a preocupação de dar trabalho aos mais jovens porque não existem muitas oportunidades em Portugal e para nós poder fazê-lo é muito importante.
AC: O Teatro Viriato sempre acolheu e investiu na criação artística, não só em criadores já estabelecidos, mas também nas novas gerações. Em Portugal não existem estruturas como esta que permitam desenvolver um trabalho artístico consistente e que emprega tantos artistas – isto é muito precioso porque não existe outra estrutura assim. Nós queremos preservar isto.

Encontram-se num momento muito frutífero a nível profissional e pessoal, como se veem neste momento?
AC: Nada mudou, sou exatamente o mesmo! Nem mais nem menos e isso às vezes é um choque. Só me apercebo que existe uma diferença quando por vezes as pessoas me tratam de maneira diferente por ser diretor artístico. Gosto muito de fazer o que faço e manter alguma humildade, porque na realidade estamos sempre na frente de batalha.
SC: Muitas vezes parece inacreditável o que nos está a acontecer. Mas é preciso parar e perceber a construção que está por trás de tudo isto. É o resultado de um trabalho árduo, de uma luta feroz para continuar a batalhar nesta área, porque não é nada fácil. JL

ANTÓNIO CABRITA e SÃO CASTRO
Direção Artística
direcaoartistica@pauloribeiro.com

SANDRA CORREIA
Gestão Administrativa e Financeira
sandra.correia@pauloribeiro.com

PATRÍCIA SOARES
Difusão
difusao@pauloribeiro.com

HUGO GONZALEZ
Produção executiva
producao@pauloribeiro.com

TERESA VALE
Design gráfico
teresa.vale@pauloribeiro.com

COMUNICAÇÃO
comunicacao@pauloribeiro.com

CONTACTOS
COMPANHIA PAULO RIBEIRO, ASSOCIAÇÃO CULTURAL
TEATRO VIRIATO · Largo Mouzinho de Albuquerque, Apartado 2086 EC Viseu · 3501-909 VISEU, Portugal
Tel. (+351) 232 480 110 | www.pauloribeiro.com

companhia paulo ribeiro

Estrutura financiada por
REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Companhia residente
teatroviriato

Apoio Local
MUNICÍPIO DE VISEU